



ESUS ENTRA EM JERUSALÉM. — Tivesse querido aclamações e honras durante a vida, pouco lhe tivesse custado. Mas só quis esta homenagem nas vésperas de sua morte, para ensinar-nos que os triunfos e glórias ficam reservados para a eternidade celestial.

Conferência Episcopal

Os bispos da Província Eclesiástica de São Paulo estiveram reunidos. — Apelo dirigido ao sr. presidente da República.

Sob a presidência do cardeal d. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, arcebispo metropolitano, estiveram reunidos em São Paulo, em conferência episcopal, que se realiza anualmente, os bispos da Província Eclesiástica de São Paulo. Durante a conferência foram tratados assuntos de relevo para a vida católica paulista, incluindo medidas relativas à defesa da família, ao desenvolvimento da Pontifícia Universidade Católica e do próximo Congresso Eucarístico Mariano Provincial de Rio Preto.

Participaram da reunião os seguintes bispos: d. Henrique Gelain, bispo de Cafelândia; d. Francisco Borja do Amaral, bispo de Taubaté; d. José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba; d. José Maurício da Rocha, bispo de Bragança Paulista; d. Manuel da Silveira D'Elboux, bispo de Ribeirão Preto; d. Paulo de Tarso Campos, bispo de Campinas; d. Luiz Gonzaga Peluso, bispo de Lorena; d. José Lázaro Neves, bispo titular de Aparí e auxiliar de Assis; d. Paulo Rolim Loureiro, bispo titular de Bria e auxiliar de São Paulo; d. Rui Serra, bispo de São Carlos; d. frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., bispo de Botucatu; d. Antônio José dos Santos, bispo de Assis; d. Lafayette Libânio, bispo de Rio Preto; d. Idílio José Soares, bispo de Santos, e d. Ernesto de Paula, bispo de Piracicaba.

Apelo ao presidente da República — O episcopado paulista, nessa oportunidade, decidiu enviar o seguinte apelo ao general Eurico Gaspar Dutra:

“Excelentíssimo senhor presidente da República:

Nós, bispos da Província Eclesiástica de São Paulo, reunidos em conferência anual nesta Metrópole, após a solene e vibrante concentração popular de “Noite de São Paulo”, julgamos do nosso dever levar a v. excia. a nossa mensagem de aplauso pelas manifestações patrióticas da solidariedade de v. excia. com a consciência católica brasileira, tanto em homenagem ao Santo Padre Pio XII, quanto de condolência com o cardeal Mindszenty, nesta hora de angústia para toda a Cristandade, e de trevas para a verdadeira civilização.

Interpretando, outrossim, os anseios da

opinião pública e cristã do nosso povo e fazendo, aliás, inteira justiça à perene vigilância do vosso governo, apresentamos igualmente um respeitoso apelo para uma defesa mais generalizada, adequada e urgente, contra as iminentes ameaças que pairam sobre o País.

Concretizam-se tais ameaças não só na campanha de imperialismo estrangeiro do comunismo ateu, de lesa-pátria e lesa-divindade, mas também na campanha do cinema imoral e corruptor, da radiodifusão corruptora e dissolvente e da imprensa ou literatura dissolvente e demolidora, que solapam direta ou indiretamente os fundamentos basilares da família brasileira, patrimônio máximo da nacionalidade, e preparam clima propício à barbárie.

Não há quem não veja a infância mergulhada na delinquência e abandonada no lar, a juventude contaminada pela degradação moral proveniente das praias, piscinas e cassinos e, tanta vez, campeando impunemente até nas praças e vias públicas.

Ainda se ouvem em nossa Pátria os lúgubres ecos do último Carnaval, contrastando dolorosamente, com a indigência do povo e constituindo terrível escola de criminalidade e depravação da mocidade. Não há, talvez, nem maior descrédito, nem maior injúria aos foros da nossa civilização cristã. É o mais deprimente espetáculo que se estadeia, aqui, aos olhos dos forasteiros, atraídos pela licenciosidade, que em suas pátrias lhes não é permitida assim tão escandalosamente.

Em autêntico regime democrático, qual o em que vivemos, Deus louvado, a Nação pode e deve estar armada de leis eficazes para a sua legítima defesa moral: garantia indispensável à sua própria defesa pública, cujo melhor escudo é a consciência moral do povo.

Assim sendo, inteiramente confiados no esclarecido espírito e no acendrado patriotismo de v. excia., damos público testemunho do nosso intento de cooperar com os poderes públicos na defesa onímoda de nossa Pátria, certos de que estamos cumprindo o nosso dever, duplo e sagrado, de cidadãos brasileiros e de bispos da Santa Igreja de Deus.

E que Deus guarde v. excia., são os nossos votos.

São Paulo, 8 de Março de 1949.

† C. Cardeal Motta, arcebispo de São Paulo — por si e pelos bispos.”

AVISO

Comunicamos aos leitores que, seguindo a praxe desta Administração, não sairá o próximo número da Revista, por motivo dos feriados da Semana Santa.

NÃO SEI...

José de Maistre estava já velho.

Um amigo lhe aconselhou, um dia, deixar os cargos e fazer uma confissão geral.

De Maistre respondeu: “Estou pensando nisto”.

E acrescentou estas palavras fortes: “Não sei o que é a vida de um velho, mas a de um homem deshonesto é abominável”.

AVE MARIA

REVISTA SEMANAL CATÓLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Anual Cr\$ 20,00

Número avulso . Cr\$ 1,00

(Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:

R. Jaguaribe, 699

Fone: 51-1304 - Caixa, 615

OFIC.: R. Martim Francisco, 646-656 - Fone: 52-1956



Crucifica-o, crucifica-o!

Estendeu a noite o seu manto de trevas. Noite tristíssima para Jesus! Deverá nela sorver todo o fel das amarguras. Suará sangue no horto, entre as agonias da morte e as fraquezas dos que afirmam que o querem bem: a traição de um, as negações de outro e o abandono de todos.

Sobre seu rosto cairá chuva de imundo cuspo, em sua face as bofetadas, e sua alma ficará imersa em mar profundo de aflições e desprezos. E ao clarear do dia, vislumbrará o cimo do Calvário.

A cidade começa a acordar. O nome de Jesus corre de boca em boca. Apressam-se magistrados e sacerdotes. O réu é conduzido a Caiús, a Pilatos, a Herodes. Sobre os ombros da vítima caem terríveis golpes que lhe abrem sulcos de sangue.

Um raio de esperança brilha fugaz em instante inesperado. O presidente romano apela dos pontífices para o povo. A multidão contempla a Jesus. Reunidos das quatro partes da Palestina ali estão os enfermos sardos, os tristes que foram consolados, os que sofriam necessidade e foram atendidos. Ali as turbas alimentadas no deserto e os que cogitaram de aclamá-lo como rei e bradaram "benditos e hosanas".

Há de fato motivo para esperar? Pilatos, inexperiente da incoerência da multidão assim o acredita. E pergunta: a quem quereis que solte, a Jesus ou a Barrabás? Sobre o pensamento de Pilatos cai a mais amarga desilusão. Os ouvidos de Jesus estão ensurdecidos de ouvir aquele povaréu a gritar: Barrabás, Barrabás. Desilude-se por completo, quando seguindo o interrogatório e dizendo-lhe que faria de Jesus, ouve estrondosas vozearias: Crucifica-o, crucifica-o!...

Haverá os que se indignem por esse deprimente espetáculo do povo que se bandeou para os próprios inimigos, nunca firme, sempre

hesitante como borboletas que saltam de flor em flor, sem nunca se fixar em nenhuma, senão quando elas desabrocham no interesse e na cobiça.

Deprimente e execrável, o espetáculo continua sua proliferação em nossos meios familiares e sociais. O Nazareno, de olhos lindos e fascinantes, de coração meigo e sincero, de alma pura e santa, tem de ouvir por toda a parte o brado endoidecido dos que pedem sua crucifixão e a renovação mais sanguinolenta de sua dolorosíssima Paixão.

Como si a presença de Jesus fosse um estorvo para a felicidade, pedem que seja crucificado os gozadores da vida que a convertem num perpétuo salão de divertimentos e em perenes adornos de flores que desejariam nunca ver murchas.

Pedem seja crucificado os que refogem à lei do trabalho e da fadiga, para auferir lucros fantásticos em negociatas ilícitas e em contratos usureiros.

E que pedem os que suprimem o mandamento da castidade, a lei da caridade, a obediência às autoridades, a defesa do pobre e do oprimido, a guarda dos dias santos? Que desejam os que ambicionam postos altos para enriquecer e não para auxiliar, os que fazem da sua profissão, seja qual for, um meio de extorquir o sangue do necessitado? Que procuram os que exibem o vício, propagam a imoralidade e arvoram em lei social a indecência?

Todos bradam como a população que Pilatos tinha diante de si: "Crucifica-o, crucifica-o!"

A Paixão de Jesus renova-se diariamente com excessos de maldade e com requintes de perversão.

Contra esses brados elevemos os nossos protestos de amor e de fidelidade, nesta semana santa, pedindo que "Jesus seja amado, honrado e glorificado".

A. P.



Orientações Evangélicas

DOMINGO DE RAMOS

HOSANAS E RANCORES

La ser lindo o quadro triunfal de Jesus em Jerusalém. Pelo que do povo dependia, nada prejudicará a entrada clamorosa. Mas como todos os painéis têm uma sombra, te-lo-ia ou-trossim este primoroso quadro em cujo centro estava Jesus empolgando as gentes, testemunhando que nada lhe custaria arrastá-las até o colocarem no trono de qualquer realeza, si essas e não outras fossem suas intenções.

São João explica a razão da estrondosa recepção que as multidões fazem a Jesus. Contemplaram o estupendo e inaudito milagre da ressurreição de Lázaro. Bastou esse fato maravilhoso para que, contado de boca em boca, o povo, que acorrera à celebração da Páscoa, se congregasse ao lado do homem prodigioso, do taumaturgo santo. A curiosidade popular aumentava de instante a instante. Era uma onda que se avolumava dominadora e irresistível. Era uma oceano de gente que se premia para ver o divino taumaturgo. Contra essa corrente volumosa opõe-se a refinada astúcia dos fariseus. Reprendem-se a si mesmos de não haver já executado os desígnios de Caifás. "Não vêdes que nada conseguimos". A tur-

ba do povo, declara Sto. Agostinho, conturba a roda dos poderosos. Acham ruim que o mundo siga ao autor do mundo. O eco dessa concentrada inveja segue ressoando nas consciências dos modernos inimigos de Jesus. Mas nada adiantam, pois contra sua falsidade e contra suas insídias o povo segue amando a Jesus, enquanto eles, os pertinazes e empedernidos, os cegos e opressores vão caindo no vácuo do esquecimento.

Os líderes políticos, sacerdotes e escribas, doutores e serviços dos governantes, indignaram-se contra Jesus e tiveram receio do povo que assim abertamente se declarava a favor de Jesus. Estava esse povo emocionado com a presença do profeta. Talvez o poder romano se preparasse para reprimir possível sedição.

Passa o Salvador pelas ruas apinhadas de povo. As bocas abriram-se em aclamações. As crianças entoam os benditos aprendidos nas escolas.

Para no possível abafar aquela recepção estupenda e improvisada, uma interrogação lança-se de caso pensado, no seio do povo: "quem é este?". Como si os milagres não o tivessem levantado sobre os cimos da fama e nas asas dos

ventos da nomeada ainda não pudesse ser conhecido! Mas essa água fria, jogada para apagar o incêndio das aclamações, nada aproveitou.

Seguiu vivado até o templo. Os pequenos são os mais espontâneos nos hosanas ao Filho de Davi. Julgando blasfêmias aquelas palavras, seus inimigos ousam dizer a Jesus: "Não ouves o que estes dizem?" Colbe suas frases, põe fim a esses elogios exagerados.

Sim, ouço, responde-lhes Jesus. Ouço, aprovo e aceito, porque se realizam as profecias salmistas: "da boca das crianças e do peito dos que ainda se amamentam, tirastes perfeito hino de louvor".

E depois de olhar o que passava pelo templo, deixando-os em sua protéria e pressunção, porque razões a palavras excitam a ira e não a acalmam, retirou-se a Betânia. Sua pobreza não lhe ganhou a generosidade de uma hospedagem. Retirou-se com os apóstolos a repôr-se das fadigas e na casa dos amigos de Betânia passou a noite.

Com quem poderá contar depois de passado o triunfo? Quem lhe será fiel na hora da prisão?

O coração humano é fraco e inconstante. E nós temos dado a Jesus tanto fel e vinagre!

Si o acompanhamos no triunfo, sigamos-lhe os passos até o Calvário.

AMOR AO PAPA

Pio XII com a sua bondade, delicadeza e caridade tem conquistado os corações dos fiéis de todo o mundo.

Provam-no os donativos que constantemente lhe enviam e o fervor crescente com que de ano para ano se vêm celebrando por toda a parte as festas da sua eleição e coroação.

Entre essas homenagens de filial carinho, seja-nos lícito destacar a prestada pelos católicos mexicanos. Mais de 127.000 famílias colocaram nos seus lares o retrato de Sua Santidade Pio XII em homenagem ideada e levada a cabo pela Ação Católica.

O chefe da família ao colocar o retrato rezava o "Oremus pro Pontífice".

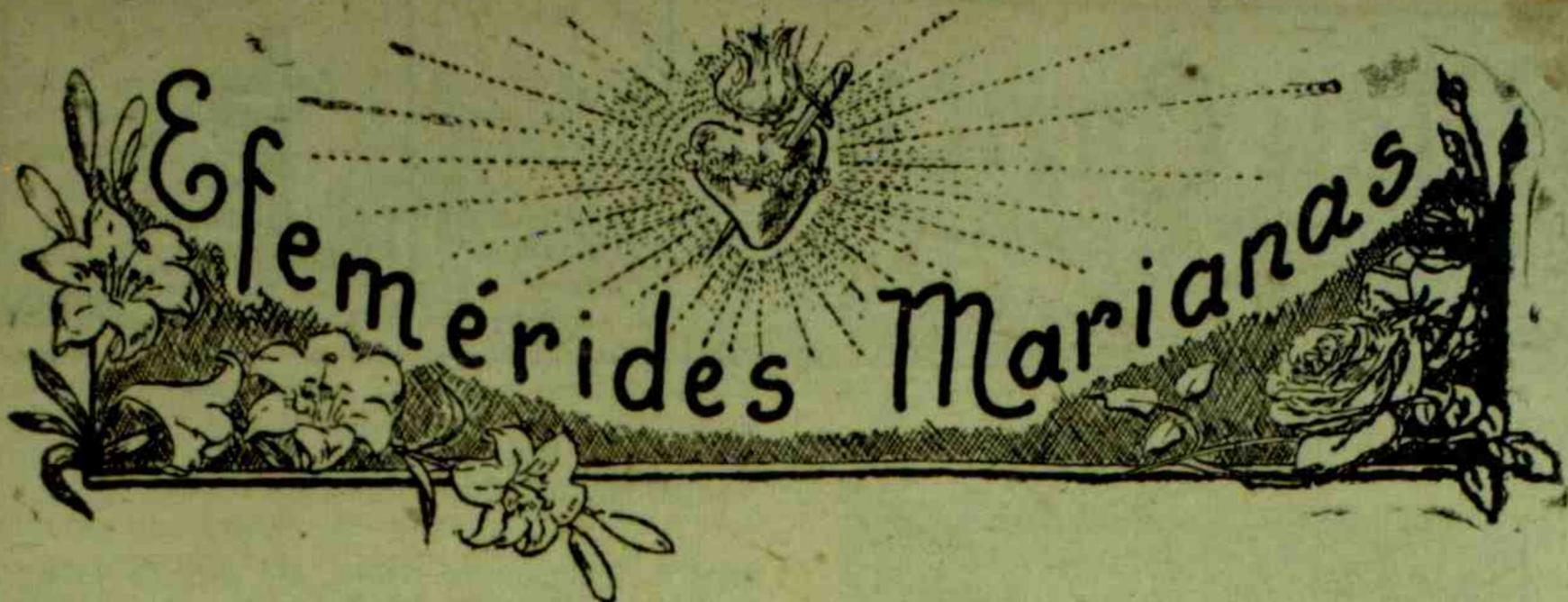
NOSSAS BOLSAS

IR. JOÃO LOPES — Por intermédio de D. Francisca Moreira Tosta, de Tomazina, 470,00.

PIO XII — D. Maria Rocha, 25,00.

SÃO JUDAS TADEU — D. Maria Rocha, 25,00.

N. SENHORA DAS GRAÇAS — Men. Maria Aparecida, Maria da Penha e Maria Olímpia de Souza Farias, 50,00.



NOSSA SENHORA OS SALVOU

Partiu da Terra Nova rumo a Portugal o lugre da frota bacalhoeira "Maria Carlota". Logo deu sobre ele uma fortíssima tempestade. O barco começou a meter tanta água que não bastaram duas bombas e um motor para a estancar.

Ao verem que o barco estava irremediavelmente perdido, começaram a enviar pedidos de socorro: — S.O.S. O primeiro foi lançado às 10 horas da noite do dia 3 de Novembro.

Pelás 4 da manhã do dia 4 avistaram ao longe um vapor. Era o Charles Stafford. Fizera todos os sinais possíveis, mas em vão, porque um denso nevoeiro não os deixava ver. Com grande perigo, subiram marinheiros para as enxárcias e mastros com fogachos acesos, mas nada. O vapor, que uma vez pareceu aproximar-se, de novo se afastou. Todas as esperanças se iam perder para sempre.

Voltaram-se então para o céu, sobretudo para Maria, Estrela do Mar. Um de Ancora vira-se para a Senhora da Bonança, um de Viana para a Senhora da Agonia, outro de Mortágua para a Senhora dos Aflitos, outro de Ílhavo para a Senhora dos Navegantes. Os de Fuseta no Algarve recorrem à Senhora do Livramento, os de Buarcos à Senhora da Encarnação, um da Figueira da Foz faz promessa de duas velas de corpo à Rainha Santa e outro da Nazaré promete a Nossa Senhora de Fátima duas velas de quarta.

Nenhum dos 31 marinheiros e pescadores, por mais arredado que andasse de Deus, deixa de a Ele acudir. *Se queres aprender a rezar, entra no mar.*

O céu ouviu-os. O "Charles Stafford" torneando o rumo, conseguiu salvá-los. O primeiro a entrar naquele vapor beijou o convés. Era para ele, o barco da salvação. Levou-os a todos a Nova York donde voltaram por via aérea para Portugal. Ao saírem do avião em Lisboa, muitos deles ajoelharam a beijar a terra portuguesa.

O capitão do lugre naufragado dirigiu então as seguintes palavras aos jornalistas: "Depois do que se passou, do que sofremos, sabe bem pisar a sagrada terra portuguesa. Aquilo foi um martírio. Começamos a pedir socorro às 22 horas do dia 3. Só no dia seguinte às 8 horas avistamos o "Charles Staf-

ford" — *milagre de Deus* depois de tanta angústia. Durante quatro dias e quatro noites levamos "pancadaria", do mar. Não comemos, não dormimos todos nós... Mas agora estamos salvos, *graças a Deus*".

FÁTIMA NA MAIS ALTA CASA DO MUNDO

No seu livro "Fátima", 2.^a edição, escreve Mons. Carlos Casanueva, Reitor da Universidade Católica do Chile:

Quando, ao regressar ao Chile, passamos por Nova York... tivemos mais um encontro, e muito feliz, com Nossa Senhora de Fátima. Convidaram-nos a subir ao mais alto arranha-céus do mundo, de cento e tantos andares. E qual não foi a minha surpresa quando, ao chegar ao último andar, onde está a sede da Comissão Católica para auxílio às vítimas da guerra no mundo inteiro, vi uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, no seu oratório, a presidir a essa colmeia ativa e numerosa de caridade evangélica mundial! Ao notar a minha surpresa, uma senhorita, Secretária da dita Comissão, disse-me:

— *Sou muito devota de Nossa Senhora de Fátima e Ela já me fez muitos favores... Fui várias vezes à cova da Iria, rezar à Virgem Santíssima, e sempre de lá voltei muito feliz.* — ("Voz do Domingo".)

CASTIGO?

O fato é muito conhecido e tem vindo em diversos jornais. Mesmo assim queremos arquivá-lo aqui pela grande lição que encerra.

Quando algumas senhoras andavam a adornar as ruas de Portalegre (Portugal) para receber a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que ia a caminho de Espanha, um homem pôs-se a dizer blasfêmias e injúrias à Mãe de Deus.

Horas depois, quando a grandiosa procissão passava pela sua casa, aquele homem caiu morto repentinamente.

* *Despreza o falso saber, pois é prejudicial. Mas estima o verdadeiro saber, que sempre é útil.*



As sete dores de Maria

PRIMEIRA DOR

O Menino Jesus é apresentado no Templo. O velho profeta Simeão o toma nos braços e louva a Divina Misericórdia que o fez conhecer a ver a salvação de Israel. Volta-se para Maria: *Este menino, diz, foi posto por Deus para ruína e ressurreição de muitos em Israel e como um sinal de contradição. Uma espada de dor transpassará tua alma...* Maria compreendeu toda a profecia.

Perfeita e santíssima como era, não havia segredos para a sua alma enriquecida de celestes dons. Sabia logo o que significava aquela espada cruel. Desde este momento viveu numa contínua angústia. Tanto mais belo e cheio de encanto crescia em graça e sabedoria seu Jesus querido, tanto mais sorria ao sentir todas as amarguras da Paixão antecipadamente. Lemos nas *Revelações de Santa Brígida*, como sofreu Maria: *Nunca vivi um momento sem que minha alma não fosse dilacerada por esta dor, disse a Virgem. Cada vez que vestia a túnica em meu filhinho, pensava que um dia lhe haviam de arrancar também a túnica para o crucificar. Quando lhe contemplava as mãos e os pés, parecia-me ver os cravos que os haviam de transpassar.*

E as lágrimas corriam sempre pelas faces da Mãe aflita nesta perspectiva dolorosa. Ó si as mãos soubessem antecipadamente tudo quanto teriam de padecer os filhos neste mundo, como haviam de sofrer! Maria, o mais delicado e sensível coração saído das mãos de Deus, via e sentia com uma clarividência perfeita tudo quanto havia de padecer seu Filho Divino!

Imaginal que dor, a desta Mãe Santíssima! Jesus crescia em idade e sabedoria aos olhos dos homens e quanto mais aos olhos de Maria! Porém, ai! quanto maior e ardente foi este amor, tanto mais dolorosa e pungente a lembrança da Paixão que se ia aproximando. A espada profetizada por Simeão transpassou a alma de Maria desde a Apresentação no Templo.

SEGUNDA DOR — A FUGA PARA O EGITO

Herodes cruel decreta a matança dos inocentes para que o Rei de Israel seja morto também. *“Eis que um Anjo do Senhor, diz o Evangelista São Mateus, apareceu a José e lhe disse: Levanta-te, toma o Menino e foge*

para o Egito, onde ficará até que eu te avise, porque Herodes há de procurar o Menino para o matar. José, levantando-se, tomou o Menino e sua Mãe durante a noite e se retirou para o Egito, onde permaneceu até a morte de Herodes”.

Nestas poucas palavras do Evangelho sentimos e podemos imaginar o sofrimento de Maria. Via já se realizando a profecia de Simeão — o Menino alvo de contradição. Ver seu filhinho tão pequenino já odiado e perseguido pelos homens! A viagem para o exílio foi penosa e difícil. Tempo de inverno. Estradas más, perigos de ladrões e bandidos pelo deserto, fome e desabrigo muita vez na caminhada. Desprovidos de recursos, entregues nas mãos da Providência, caminhavam os pobres peregrinos como mendigos. Que dor a de Maria vendo seu Divino Filho que já havia nascido tão pobremente numa estrebaria agora nos desconfortos e no desabrigo daquelas duras caminhadas! E depois, no exílio, que pobreza e que aflição cada dia em terra estranha, sem conforto de parentes e amigos, sofrendo humilhações de toda sorte. Aprendamos a ter paciência nas tribulações da vida, sobretudo na pobreza. Lembremos das angústias de Nossa Senhora no exílio! Somos peregrinos neste mundo. Caminhamos para a eternidade. Nossa Mãe querida, pelas fadigas e amarguras do seu exílio do Egito, nos ajude a suportar os sofrimentos e as cruces da vida. Que Ela se compadeça de nós nesta viagem de tamanha responsabilidade que estamos fazendo rumo à vida eterna! Quando o Anjo ordenou a José que voltasse porque Herodes havia morrido, grande foi a alegria da volta para Nazaré mas como foi dolorosa novamente a viagem! Imaginal este exílio e esta pobreza de Maria e aprendei a sofrer no exílio desta vida que passa tão depressa!

TERCEIRA DOR — PERDA DE JESUS NO TEMPLO

Ora, seus pais iam todos os anos a Jerusalém por ocasião da festa da Páscoa. Ouçamos o Evangelho: *“Chegando pois o Menino aos doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume no dia desta solenidade.*

Voltando eles para Nazaré depois de terminada a festa, o Menino Jesus se deixou ficar em Jerusalém sem que os pais o percebessem. Pensando que Ele estivesse com

alguém da comitiva caminharam o dia inteiro e o procuraram entre os parentes e conhecidos, mas não o encontrando voltaram a Jerusalém, a fim de procurá-lo.

E aconteceu que ao terceiro dia foram encontrar entre os doutores ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam se admiravam da sua sabedoria e das suas respostas. Vendo-o, se admiraram, e sua Mãe lhe disse: "Meu filho, por que fizeste assim conosco? Eis que teu pai e eu te procuramos aflitos".

Vêde todo o sofrimento de Maria nestas palavras que encerram uma queixa: *eu e teu pai te procuramos aflitos*". Que angústia a daqueles três dias! Perder um Filho Divino! Esta foi uma das maiores dores de Maria, diz Santo Afonso.

Maria, em outras dores, tinha Jesus consigo. Padeceu na profecia de Simeão, padeceu na fuga para o Egito mas sempre com Jesus. Agora sofre sem saber sequer onde possa estar seu Filho Amado. Que suspiros, que gemidos e que tortura a da alma de Maria naqueles três dias! Nas outras dores vemos o silêncio de Maria. Aqui ouvimos no Evangelho as suas queixas maternas: *Por que fizeste assim conosco?*

Estas palavras não são absolutamente uma censura ao procedimento de Jesus, como afirmam os herejes. Encerram uma queixa amorosa, traduzem o sofrimento imenso de Maria por se ver longe do Filho e o ter perdido.

O pecador perde a Deus pelo pecado e não sente a ausência de Deus em sua alma desgraçada. É que não sabe avaliar o tesouro que perdeu! Que Nossa Senhora, pelas angústias da perda de Jesus nos converta e nos faça sentir a dor de ter perdido a Jesus.

QUARTA DOR — ENCONTRO COM JESUS NO CAMINHO DO CALVÁRIO

Jesus fôra condenado à morte. Já havia passado a noite de angústias nos tribunais de Anãs e de Caifás, e nas humilhações e insultos dos carrascos. O drama doloroso da Paixão antes havia começado no Horto das Oliveiras. Maria ausente, mas seu coração de Mãe adivinhou tudo. Diz a tradição que o apóstolo São João veio anunciar a Nossa Senhora a triste notícia da condenação do Filho Amado ao suplício da cruz. — "Ó Mãe dolorosa, vosso Filho foi condenado à morte, vinde vê-lo. E Maria, aflita, saiu pelos caminhos de Jerusalém que denunciavam já o crime horrendo. Havia sinais de sangue nas pedras. Viu Ela o cortejo e os insultos e blasfêmias do populacho sedento do Sangue do Salvador. Passaram as cordas, os cravos, o martelo, os instrumentos do suplício. E depois ergue os olhos e contempla um espectáculo de horror. Percebe um condenado sob o peso de uma enorme cruz e já não tinha mais a figura de um homem — era como um leproso coberto de chagas, escarros e poeira. Era Jesus, seu Filho Amantíssimo, a beleza suprema do Universo, o Filho de Deus e Fi-

lho da Virgem! Meu Filho! Minha Mãe! Foram os gemidos dos dois corações partidos de dor naquela hora. Diz Santa Brígida nas Revelações, que Jesus tirou dos olhos o sangue coalhado que lhe impedia a vista para contemplar a Mãe aflita. Que olhares de angústia naquele instante! Segue Jesus para o suplício. Santíssima Virgem, aonde ides? Ao Calvário! Tereis força para ver vosso Filho cravado numa cruz?

São Lourenço Justiniano põe nos lábios



MATER DOLOROSA — Varada pelas espadas da dor, tem o coração agonizado de mágoa pela ingratidão humana que tão vilmente correspondeu ao amor de seu Jesus.

de Jesus estas palavras: Ó minha Mãe: Não venhas comigo! Será doloroso demais o teu sofrimento e o meu também, por te ver sofrer!

Entretanto, Maria caminhou para o Calvário, seguindo o Filho amado. Adiante, o Filho, diz o piedoso autor, e atrás, a Mãe, para ser também crucificada com Ele no coração. Meditemos esta dor imensa de Nossa Senhora.

QUINTA DOR — MORTE DE JESUS

No Calvário, diz o Evangelista, estava a Mãe de Jesus ao pé da cruz. Estava em pé, junto à cruz de Jesus sua Mãe (João, 19-25).

Jesus, abandonado de todos, insultado, chagas abertas, dores horríveis, suspenso entre o céu e a terra, e abandonado até do Pai! Maria contempla tudo isto. Jesus agoniza. — *Meu Pai*, exclama, *nas tuas mãos encomendo o meu espírito!* E inclinando a cabeça, expira. Maria o contempla morto no madeiro infame, nas trevas do Calvário, no abandono de

todos, no silencio impressionante que se fez sobre a montanha, seguido de um medonho abalo da natureza.

A outras mães fica, muita vez, o consolo de terem socorrido, aliviado o sofrimento dos filhos moribundos na hora derradeira, na última enfermidade. A Maria, não. Só poudo contemplar o suplicio do Filho amado sem poder siquer aliviar-lhe a sêde, e vendo-O cada vez mais atormentado justamente por saber do sofrimento do coração materno. Que dor imensa a de Maria! No Calvário é que a espada de dôr lhe transpassou o alma. A Mãe de Jesus, diz um devoto contemplativo que alguns dizem ser São Boaventura, a Mãe de Jesus, Maria, estava ao pé da cruz com seu Filho. Ó Senhora nossa! Estavas sim cravada na cruz com Jesus. Ao pé da cruz sômente? Não, mas sobre a cruz também. O Coração de Maria foi transpassado pela lança, foi coroado de espinhos, foi amargurado com fel e vinagre. Agora, vendo o Filho morto, Maria tem como que morto também o pobre coração. Vê no madeiro infame, pendente o corpo inanimado de Jesus. No alto do Calvário, naquele horrível abandono, naquele silencio, naquelas trevas, Maria pôde exclamar como o Profeta: *Ó vós que passais, parai e vêde si há dor igual à minha dor! Santa Mãe, digamos como no Stabat Mater, dai-me a graça de que se gravem profundamente no meu coração as chagas do Crucificado!*

SEXTA DOR — A LANÇADA E O DESCIMENTO DA CRUZ

Diz o Evangelista: *“Vieram os soldados e quebraram as pernas ao primeiro e ao segundo ladrão que com ele fôra crucificado. Chegando a Jesus, como o viram já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado lhe abriu o lado com uma lança, e imediatamente correu sangue e água.”*

Meditai um pouco a dor de Nossa Senhora vendo o Filho ultrajado até depois de morto! Aquele peito aberto a jorrar sangue (as últimas gotas) e água! O Coração de Jesus partido. A dor não foi de Jesus, pois estava já morto. Foi do Coração de Maria. O corpo de Jesus fôra descido da cruz. O piedoso José de Arimatéia o pediu a Pilatos. Eis a descida da cruz, descrita por *Bernardino de Bustis*: *“Ergue-se a Mãe, estende os braços para o Filho, abraça-O e senta-se ao pé da cruz. Contempla a bôca aberta e os olhos obscurecidos; examina seu corpo rasgado pelas chagas e os ossos descobertos. Tira a coroa e vê que horríveis chagas fizeram os espinhos naquela cabeça sagrada. Olha, finalmente, as mãos e os pés transpassados pelos pregos e diz: Ah! meu Filho, a que extremos vos reduziu o teu amor pelos homens! Ó espinhos cruéis, ó lança, como pudestes as-*

sim atormentar o vosso Criador! Ah! pecadores, fostes vós os carrascos de meu Filho!”

Contemplai Nossa Senhora nesta atitude de dor, trazendo nos braços o objeto dos seus tormentos — Jesus morto! Ver o Autor da Vida sem vida!

Não era mais a encantadora criança do presépio de Belém a que Maria tem nos braços. Era um leproso chagado e horrivelmente descarnado até lhe aparecerem os ossos. Que estragos fez o pecado da Humanidade no Corpo do Filho de Maria! Senhora da piedade! Tende piedade dos pecadores que causaram a morte de Vosso Filho e feriram tanto vosso coração no Calvário!

SÉTIMA DOR — SEPULTURA DE JESUS

Ouçamos o Evangelho: *Veu pois José, tomou o corpo de Jesus e, descendo-o da cruz, envolveu-o num alvo lençol que havia comprado. Veiu também Nicodemos, aquele que outrora tinha ido procurar Jesus durante a noite, trazendo cerca de cem libras de uma mistura de alôes e de mirra. Tomaram ambos o corpo de Jesus e o ligaram com faixas de linho com perfumes, segundo costumam os judeus sepultar. Ora, havia no lugar onde Jesus foi crucificado, um jardim, e neste jardim um sepulcro novo, pertencente a José, cavado na rocha, onde ninguém fôra ainda sepultado. Ai, porque o sepulcro estava perto e também por causa da preparação dos judeus, sepultaram a Jesus. Rolou José uma grande pedra à entrada do sepulcro e retirou-se. Estava sepultado o Filho de Maria”.*

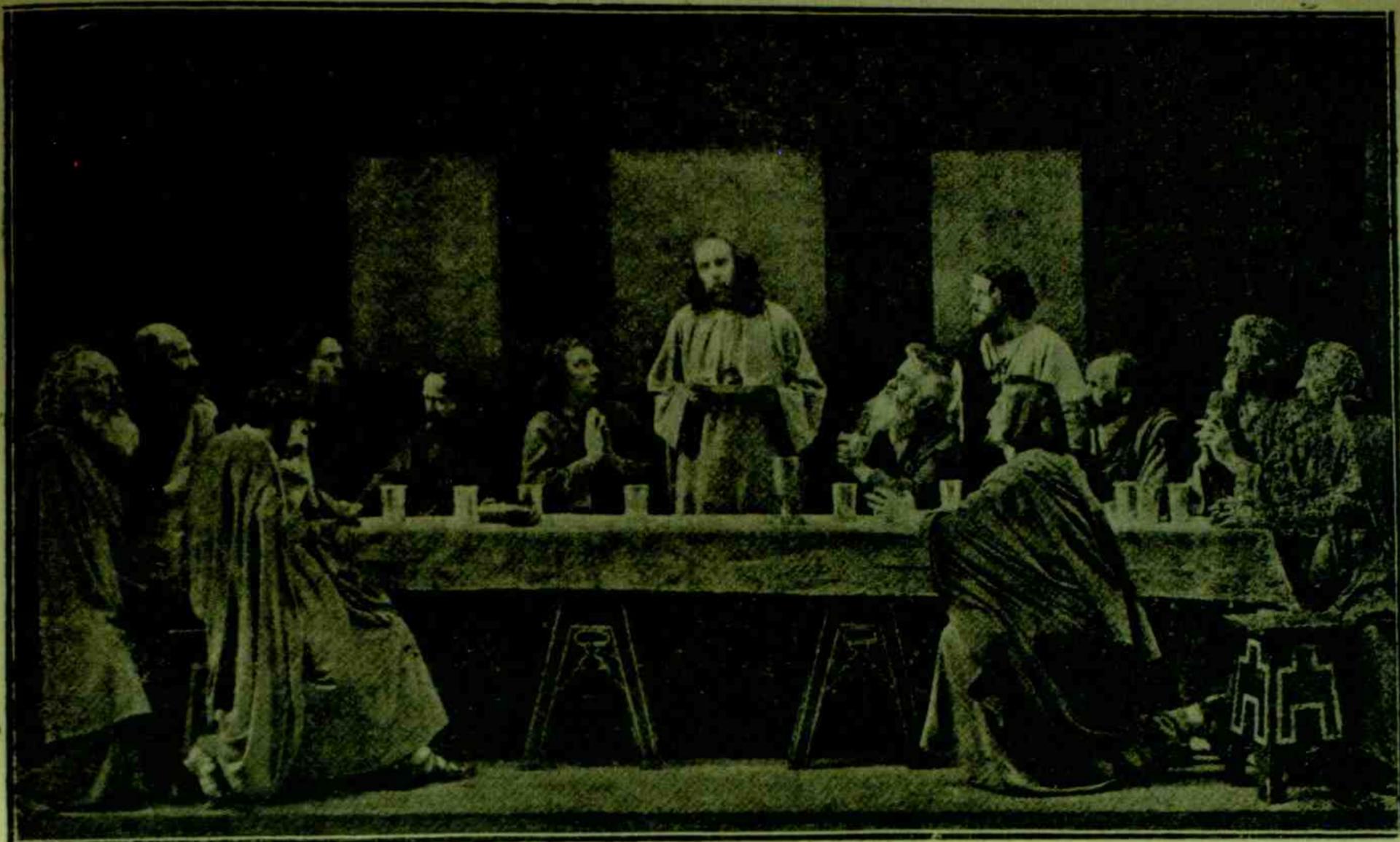
A Mãe das dores era agora a Mãe da soledade, ou Senhora da Saudade! Que amargura a de Nossa Senhora ao voltar da sepultura de Jesus! Que dor pungente! Que solidão! Que saudade cruciante do Filho amado! Agora, que torturas de coração! Recorda toda a vida do Filho amado desde os encantos do Presépio até a agonia da cruz. Os tormentos da Paixão lhe vêm à lembrança para a atormentar mais naquelas noites de insônias e de lágrimas. Nossa Senhora da Saudade! Temos em nossa língua uma palavra que traduz este tormento da ausência de um ser amado: *saudade!* Nossa Mãe Santíssima juntou a soledade, a solidão horrível longe do Filho o *martírio da saudade*. “Na sepultura de meu Filho revelou Maria a Santa Brigida, estavam sepultados dois corações: — o de Jesus e o meu”.

Senhora da Soledade! Nossa Senhora da Saudade! (permiti que assim vos chamemos) queremos vos consolar nesta amargura das horas tão dolorosas para o vosso coração, longe do Filho amado! Por este pranto, por esta espada de dor dai-nos a contrição de nossos pecados para que nunca mais O ofendamos!

MONS. ASCÂNIO BRANDÃO

* A vida dimana do coração. Deste brotam, como um manancial, os pensamentos e os afetos. Do coração emana a palavra afe-

tuosa que seca as lágrimas, quando a abnegação não tem encontrado mais que indiferença ou ingratição.



3.º - Comungar pela Páscoa da Ressurreição

É um mandato imperativo que não cumprem muitos homens batizados na Igreja Católica e que, aliás, se consideram como católicos.

Descuido, desinteresse, subestimação do preceito são os principais fatores que influem no incumprimento desse terceiro mandamento da Igreja.

E não influirá também o receio de mudar de vida, de endireitar os caminhos, de largar as ocasiões de pecado?

Nada entretanto deve ser bastante a impedir o fiel e leal cumprimento desta obrigação sagrada.

Ação Católica e Associações religiosas, nas Dioceses e nas paróquias, promovem tradicionalmente as páscoas coletivas, tão edificantes, tão impressionantes.

Julgamos sinceramente serem acertadas essas campanhas desenvolvidas com zelo admirável e louvável.

Lembre-se, porém, que o cumprimento dos preceitos eclesiásticos é sempre uma ação absolutamente voluntária. E mover essa vontade e impelir essa liberdade supõe ainda outra ação: a da graça obtida pela oração.

Por que não comungam muitos homens e não fazem essa santa desobriga?

É que não rezam e não se convencem que as graças sobrenaturais, posto que recebidas liberalmente das mãos divinas, precisam o impulso da oração como condição imposta pelo mesmo divino Salvador: "Pedi e recebereis". Aproximemo-nos então da mesa eucarística.

Amanheçamos na graça divina no clarear do dia triunfante da Ressurreição.

A voz do Papa

A guerra italo-etíope faz lembrar muita coisa velha. Uma: Quando Umberto I de Itália subiu ao trono, o Papa mandou ao Secretário de Estado que de novo protestasse pelo esbulho que o pai de Humberto lhe fizera dos seus Estados — os Estados Pontifícios.

Diz-se que Humberto I sorriu, desdenhoso, do protesto *onipotente* que nem sequer tinha já a apoiá-lo os velhos canhões do Papa vencido em Castelfidardo e Porta Pia.

Realmente o Papa já não tinha exército nem armas. E até vendera para a Abissínia a velha artilharia dos tempos de Castelfidardo,

como coisa que lhe era inútil.

Ironias da sorte: foram os antigos canhões do Papa que desbarartaram os exércitos do rei desdenhoso, em Aduá e Ambalaghi.

E ao rei não o atemorizou a voz *onipotente* do Papa; mas em 1900 caiu varado por bala assassina de um anarquista.

Um espirituoso pintava-lhe assim o reinado: Foi tal qual missa de defuntos: sem glória, sem credo, um ofertório comprido e, no fim, nem sequer uma bênção.

—oOo—

* A fé é a força através da qual um mundo destroçado se erguerá à luz do sol.

Uma lição a Judas

Corria o tempo da quaresma e o sacerdote, pastor solícito de suas ovelhas, multiplicava trabalhos e cuidados, dispartindo solícitamente o pão da palavra divina.

Sobretudo as crianças que, em breve, fariam a primeira comunhão, atraíam-lhe as solícitudes e desvelos.

Num dos últimos dias da preparação para a linda cerimônia da santa comunhão, exortou o zeloso vigário àqueles pequeninos a fazerem boa e santa confissão. Seriam, do contrário, dise-lhes, como Judas que com um beijo vendeu a Jesus.

E em poucas palavras preferiu-lhes a história desse infeliz apóstolo. Quando o sacerdote estava a dizer a desgraça que Judas ti-

vera enforcando-se, morrendo desastrosamente daquela forma, um dos pequenos ouvintes pediu licença para falar.

O padre perguntou à criança o que desejava.

— Sr. padre, desejaria dizer o que eu teria feito em lugar de Judas, depois de vender a Jesus.

— Então, que terias feito?

— Eu — diz o angelical menino — teria me pendurado do colo de Jesus, pedindo-lhe perdão.

Aprendam a lição, na presente semana santa, os que, imitando a Judas na vida passada, desejam o perdão e a misericórdia divina para o futuro.

Judas aos pés de Jesus, com a fiação e a maldade no coração, com o fêl da traição nos lábios, dando o sinal combinado para manietá-lo e prendê-lo. Judas ficou sendo, na escola do sacrilégio, o mestre que, no perpassar dos dias, tantos discípulos teria! Pobre Jesus tão vilmente tratado e tão indignamente correspondido às ternuras de seu bondosíssimo Coração!...



Mãe

Palavras de Severo Catalina

Por si só o nome de mãe, o mais terno de quantos encerra o dicionário, nos representa aquela mulher em cujo seio bebemos o dulcíssimo nectar da vida, em cujo ragaço deixamos repousar nossa cabeça, aquela mulher que nos acariciava, que beijava nossa fronte, que enxugava nosso pranto, que nos embalava por fim em seus braços ao eco brando de uma balada de amor.

Ditosos mil vezes os que podem contemplá-la com os olhos da realidade! Ela é a que comparte conosco os infortúnios e os males; a que vela nosso sonho; a que conta por segundos as horas de nosso padecer; a que cer-

ra nossas pálpebras no instante supremo; o único ser enfim, depois de nosso pai, que não admite consolo por nossa perda, porque se afoga a alma no mar sem margens do egoísmo intenso do seu sofrer.

PELOS SACERDOTES

Santa Terezinha do Menino Jesus declarava: "Vim para o Carmelo para salvar as almas, mas sobretudo para rezar pelos sacerdotes".

Que Santa Terezinha tenha muitos imitadores! Que se propague esta devoção de rezar sempre e muito para que Nosso Senhor envie muitos e bons sacerdotes à sua Igreja!

É uma forma sublime de apostolado.

A noite das torturas de Jesus

Como as guerrilhas incessantes contra as frações ou alas de maiores exércitos, como os ataques frequentes de pequenas forças resultando quasi incólumes graças à fácil fuga em terreno conhecido, e não deixando por isso de causar ao poderoso inimigo consideráveis prejuízos, embora nunca chegando à vitória decisiva, assim contra a Igreja militante de Cristo surgem frequentes acometidas na imprensa sectária ou não de todo indiferentes nas escolas, fingidamente neutrais, no teatro, no rádio, na literatura e ainda indecorosamente nas ruas, na praça pública com gritos horríveis, com doestos infames.

São todos, especialmente os últimos, os constituintes e vozeiros da onda anticlerical, alguns odientos das seitas antireligiosas, e outros quinta-colunas inconscientes da milícia anticristã, pois estes parecem ignorar que atacando e desmoralizando os sacerdotes e os religiosos, diminuirá por força a prática da religião e aumentará prodigiosamente a praga da moralidade.

De tudo isto preveniu Jesus Cristo os Apóstolos e os seus ministros, dizendo-lhes que "se o mundo vos odeia, sabeí que primeiro eles, os mundanos, me odiaram a mim."

Este ódio primeiro do mundo judaico contra Jesus manifestou-se de muitos modos durante os anos da pregação do Evangelho, e culminou na noite que precedeu a sua morte, seguindo-se as suas explosões até a morte do Salvador.

Nessa noite de profundas máguas para Jesus e após o seu prendimento e primeiro juízo, os seus furiosos inimigos que eram os próprios juizes do Sinédrio, declararam-no réu de morte.

Estava prescrito na lei que os réus sentenciados não fossem torturados com nenhum suplício que não fosse o da pena capital: os judeus porém no cúmulo do seu ódio satisfeito não se importaram com essa lei.

E foi assim que durante toda a noite até a manhã em que convocou o segundo juízo para confirmar a injustiça do primeiro, foi Jesus entregue à vil caterva dos salões e carcereiros do tribunal.

Eles, pois, mofaram de Jesus com toda sorte de apodos e de improperios, com feias visagens e galhofas; deram-lhe golpes nas costas e empurrões pelos lados; cuspiram descaradamente naquele rosto de majestade, puxaram-lhe fortemente os cabelos da cabeça e da barba, como se quizessem arrancá-los, e tomando um pano sujo, cobriram-lhe os olhos, e caçoando, diziam: "Adivinha quem te feriu", e seguidamente davam-lhe pancadas no rosto, nas costas e por todo o seu corpo, repetindo a toda hora e momento as chacotas e os insultos do mais baixo calão.

E assim passaram-se horas e mais horas, ressoando o aposento da vil e odienta cria-



SIMÃO CIRENEU ajuda a levar a cruz de Jesus. Quando carregamos as nossas cruces por amor do Salvador, tornam-se mais suaves e fáceis.

dagem com os ruídos das pancadas e as palavras soezes junto com o eco das gargalhadas.

Tudo isso sofria Jesus, como vítima propiciatória dos pecados de humanidade, e sofria calado e humilde, não só sem resistência, mas também com resignada e amorosa vontade, bebendo o cális de amargura e das afrontas, e oferecendo aquelas ignomínias, aquelas injúrias e vilipêndios para a satisfação e redenção dos crimes e ofensas dos homens contra o seu divino Criador e Senhor.

"Assim padeceu Cristo por nós, como diz o apóstolo São Pedro, dando-nos exemplo para que nós, pecadores, sigamos as pegadas d'Aqule que jamais fez pecado e no qual nunca se achou engano; de Aqule que quando era a maldiçoado, não amaldiçoava; e quando sofria, não ameaçava... que levou nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que estando nós mortos pelo pecado, vivamos para a justiça; e vós com as suas chagas fostes sanados."

Porque este é o mistério e o fim dos padecimentos do grande Rei, do Filho de Deus: a redenção pelo estado de vítima, e o exemplo da virtude da paciência e do sacrifício.

P. LUÍS SALAMERO, C.M.F.

* A arte grega não reconhecia beleza em quem não fosse inteligente. Só se dirigia aos espíritos cultos e desdenhava as almas humildes.

Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria

(Intenção para o mês de Abril)

ROGAR PELOS QUE DEPOIS DE CONFIRMADOS DESERTAM DAS FILEIRAS
DE JESUS CRISTO

Pela recepção do Batismo somos regenerados à vida sobrenatural da graça, tornamo-nos filhos de Deus. Em nossa alma é impresso o caráter ou sinal espiritual que nos coloca entre os fiéis de Jesus Cristo e nos dá direito e capacidade para receber os demais sacramentos.

Pelo Batismo entramos em posse da vida espiritual da graça. Uma das últimas recomendações da Igreja ao neo-batizado, é que ele conserve até o momento de se apresentar ante o tribunal de Jesus Cristo a veste branca da inocência recebida então, e acesa a lâmpada da fé confirmada com a prática fiel dos mandamentos de Deus.

Deve, pois, o fiel conservar e desenvolver em si, através de sua existência sobre a terra, a vida divina que recebeu no dia de seu Batismo. Logo de batizada a alma é como a criança recém-nascida. Sua vida deverá desenvolver-se até a plenitude e só o poderá conseguir, lutando contra os inimigos externos e internos. É o que ensina São Tomás: "Ao sair da infância (espiritual) entramos em comunicação com o mundo não para levar nele vida tranquila, mas uma vida de combate. É, pois, necessário que nos armemos para essa luta espiritual". Para enfrentarmos com êxito essas horas de luta inevitáveis, precisamos ter bem fortalecida nossa vida divina e estarmos apercebidos de armas abundantes e eficientes.

É o que nos proporciona o sacramento da Confirmação ou Crisma. Nele a alma recebe um aumento da graça divina juntamente com uma maior efusão dos dons sobrenaturais do Espírito Santo: o *dom da inteligência* que lhe facilitará a penetração das verdades da fé; o *dom da ciência* que a deverá dirigir na aplicação dos ensinamentos revelados aos casos particulares de sua vida; o *dom do conselho* que a orientará nos casos difíceis; o *dom da sabedoria* que lhe fará conhecer com amor as coisas de Deus; o *dom da fortaleza* que a sustentará para superar as dificuldades; o *dom da piedade* que lhe dá de comunicar sentimentos filiais para com Deus e o *dom do temor* que afastará a alma de suas ofensas. Fortalecidos assim sobrenaturalmente, a Confirmação consagra os fiéis cristãos perfeitos soldados de Jesus Cristo, dispostos a enfrentar com valor os inimigos da fé e da pureza dos costumes.

Por essa razão os cristãos deveriam apreciar muito mais este sacramento instituído com tanto amor e providência por Jesus Cristo: "Os que crêm em mim, dizia o Salvador, verão brotar em seu interior fontes de água viva jorrando até a vida eterna" e o apóstolo São João acrescenta que Jesus falava do

Espírito Santo que haveriam de receber todos que nele cressem. E pelos Atos vemos que não só os Apóstolos e discípulos receberam esses dons e graças superabundantes mas todos os fiéis pela imposição das mãos dos Apóstolos (At. VIII, 17 sg.; XIX, 6).

Entretanto, este meio tão poderoso torna-se para muitos cristãos de quase nenhum valor pela falta de preparação com que o recebem, e infelizmente não poucas vezes até em pecado mortal. Por isso levam muitos vida espiritual lânguida; almas anêmicas incapazes de enfrentar as dificuldades que o mundo apresenta contra sua fé e contra sua consciência cristã, contra o amor e fidelidade que deveriam guardar invioláveis a Jesus Cristo. Pobres soldados de Cristo que tão facilmente desertam de suas fileiras que tão mal conhecem, que tão pouco amam e apreciam!

Peçamos ao Imaculado Coração de Maria que inspire aos pais, aos catequistas, aos padrinhos maior compreensão do valor deste sacramento e maior zelo na preparação de seus filhos e educandos para que se aproximem bem dispostos a receber a Confirmação. Como o soldado após sua entrada no quartel, precisa de instruções e exercícios contínuos que o tornem cada vez mais apto para a luta, assim o confirmando, orientado por seus pais e padrinhos deveria cultivar os dons preciosos recebidos na Crisma, e que requerem sua cooperação contínua. Os melhores dons e qualidades mesmo na ordem natural se perdem pelo descaso e pela inação e negligência, quanto mais os dons sobrenaturais da graça, rodeados de tantos inimigos externos e internos!

P. J. de Castro Engler, C.M.F.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

UBERABA — O Exmo. Sr. Bispo de Uberaba, D. Alexandre do Amaral, erigiu sob a proteção de Nossa Senhora da Glória, o mosteiro de monjas beneditinas, o segundo que se estabelece no Brasil. Estão elas entregues, após a profissão dos votos perpétuos, à santa tarefa de cantar os louvores divinos, pedindo assim pela sua santificação e pela santificação do mundo.

SANTO ANTÔNIO DA PLATINA — Com grandes festas será solenizado o jubileu de prata sacerdotal do Revmo. P. Frei Inácio de Ribirão Preto, Vigário da paróquia e superior dos Padres Capuchinhos. Figura entre as solenidades a bênção da primeira pedra do educandário de Santa Terezinha, a semana eucarística e a bênção de artístico altar de mármore.

MORTE DE JESUS

Morreu Jesus! No topo do Calvário
beija Maria o Filho já sem vida...
E longe, em retiro solitário,
de Iscariotes sucumbe a alma vencida...

Um denso véu, tristonho e funerário,
cobre a amplidão celeste, indefinida...
Morreu Jesus! Quão triste é seu fadário!
Homens, chorai! Su'alma é já partida!

Magdalena e os discípulos queridos
clamam, como que em êxtase adormidos,
sobre os martírios que Jesus sofreu!

E alçando a espada, vitorioso e ufano,
sobre o calvário um gladiador romano,
não cessa de exclamar: "um Deus morreu".



Mater Dolorosa

Foram tantas as dores de Nossa Senhora,
tais os sofrimentos de sua vida, que recebeu
o nome de "Mãe das dores".

Os sofrimentos de outras pessoas ficarão
aquém dos que em sua vida suportou a Mãe
de Jesus.

A mãe dos Macabeus contempla o mar-
tirio lento de seus sete filhos. Abraão galga a
montanha, o monte Mória, resolvido a cum-
prir o pedido de Deus, que lhe pede o sacri-
fício do filho Isaac. Jacob não acha perda
comparável à perda do filho José. Davi cho-
ra inconsolável a morte do ingrato filho Ab-
salão. Resfa chora a crucifixão dos dois fi-
lhos e fica cuidando os cadáveres para não
serem devorados pelas feras.

Todos esses tormentos e quantos sofre-
ram os mártires do cristianismo são inferio-
res aos que em seu coração maternal sofreu
Nossa Senhora.

Bem merece por isso o título de "Mater
Dolorosa", assim representada pelos artistas
cristãos nos quadros de A Mãe, de Giotino,
a Maria Belíssima, de Angélico, o Desmaio,
de Botticelli, a Pietá, de Miguel Angelo, o
Pasma de Sicília e a Soledade, de Rafael.

Meditemos nestes dias o quanto de sofri-
mento foi no Coração de Nossa Senhora das
Dores, para aprendermos o amor a Jesus, a
compaixão para com Nossa Senhora e o arre-
pendimento dos nossos pecados.

Vocações Claretianas

SER PADRE

SER PADRE é jogar-se todo inteiro, cor-
po e alma, no ridículo do mundo sujeitando-
se à chacota e à ignomínia com que o espí-
rito do mal incendeia as mentes ignaras dos
ímpios.

SER PADRE é tornar-se uma tocha viva
do Amor de Deus; alumando e aquecendo
desinteressadamente a todos: bons e más.

SER PADRE é tornar-se o Sal da Terra,
impedindo a corrupção da sociedade, insistin-
do nas verdades eternas, precavendo os in-
cautos, abençoando os bons propóstios, ab-
solvendo as culpas dos arrependidos.

SER PADRE é tornar-se o ludíbrio dos
insensatos, como vítimas voluntárias do amor
de Deus, que sendo nosso Mestre, de tudo nos
deu exemplo.

SER PADRE é tomar nas próprias mãos
um pedaço de pão com que se nutre o corpo,
e invocando a memória de Cristo, bradar:
"este é o meu corpo", transubstanciando-o no
Verdadeiro Corpo, Sangue, Alma, Humanida-
de e Divindade de Jesus, para alimento das
almas.

SER PADRE é fazer-se Ministro e Coepe-
rador de Deus, como que divinizando a pró-
pria natureza ao fazê-la cooperadora da Di-
vidade.

Consultório Popular

P. 1.288.^a — *Meu marido não gosta de mim, só fala comigo para brigar, etc. Posso comungar todas as primeiras sextas-feiras?*

R. Se a senhora não tem culpa grave nisso, nem outros pecados mortais, pode comungar. É até muito bom que comungue.

* * *

P. 1.289.^a — *Meu esposo não vai à igreja e não quer casar-se no religioso, etc.* — A. C. C.

R. — Procure por todos os meios realizar o casamento religioso, pois, diante de Deus, não estão casados. Estão vivendo em pecado e não podem receber os sacramentos.

* * *

P. 1.290.^a — *Ouvi dizer que quem reza a Santa Terezinha, não se casa, e deixei de rezar. Fiz pecado?* — Catequista.

R. — Não fez pecado, mas, isso é bobagem. Estou cansado de ver devotas de Santa Terezinha se casarem. Santa Terezinha não dá azar.

* * *

P. 1.291.^a — *Desejo muito entrar para o convento, mas, tenho a mãe doente que precisa do meu auxílio. Que devo fazer?* — X.

R. — Não deve entrar, se o seu auxílio é realmente necessário.

* * *

P. 1.292.^a — *Namorava um ex-seminarista, mas ele, tendo ido para São Paulo, parece que não me ama mais. Devo esperá-lo?*

R. — Infelizmente muitos rapazes, depois de um namoro mais ou menos prolongado com uma moça, começam a namorar outras, deixando enganada a primeira e isso durante

muito tempo. Isso é falta de lealdade e pode, em certos casos, ser até contra a justiça. Nesses casos as moças podem e devem exigir que esses namorado ou noivo se definam num sentido ou noutro.

* * *

P. 1.293.^a — *Há dois meses sou noiva de um rapaz, mas, agora, sinto que não o amo e até aterrorizo-me de pensar em casar com ele. Que devo fazer?* — A. M.

R. — Deve desmanchar o noivado. Não deve casar com esse rapaz.

* * *

P. 1.294.^a — *Tenho uma amiga que está namorando um homem casado no civil e na igreja protestante metodista. É possível o casamento entre os dois?* — E. A.

R. — Não é possível. Tenho muita pena dessas pobres moças que escolhem o inferno neste mundo e no outro.

* * *

P. 1.295.^a — *É necessário fazer o Sinal da Cruz todas as vezes antes de rezar?* — Amigo jota.

R. — Não é necessário.

* * *

P. 1.286.^a — *É verdade que o mundo está para acabar antes do ano 2.000? É verdade que só haverá 270 Papas e já houve 263?* — W. M. S.

R. — Ninguém sabe quando será o fim do mundo. Ninguém sabe também quantos Papas haverá. O fim do mundo é-nos inteiramente desconhecido.

P. Geraldo Fernandes, C.M.F.

Caixa 153 — Curitiba.

Novos bispos brasileiros — O Papa Pio XII nomeou Monseñor Paulo Hipólito de Souza, atual Vigário Geral de Teresina, para o Bispado de Caruarú, em Pernambuco.

Nomeou também o Padre Inácio Dalmonde, sacerdote capuchinho, Bispo Coadjutor de Joinville e Titular de Agbia.

Transferência. — Para a diocese de Aracajú, que perdeu seu Pastor em Outubro do ano passado, foi transferido D. Fernando Gomes, Bispo de Penedo.

Do Brasil



Doação valiosa. — O sr. dr. Djalma Pinheiro Chagas, fez à diocese de Oliveira doação do jornal de sua propriedade, "Gazeta de Minas". A doação foi feita livre de qualquer pagamento ou encargo, tendo sido a intenção do doador de prestar um serviço ao bispo diocesano e à causa da religião.

Páscoas coletivas. — Realizou-se no Rio a reunião da Confederação Católica Brasileira, para tratar da organização e movimentação das Páscoas Coletivas. Depois de falarem sobre o assunto os diversos oradores, S. Em. o Cardeal Câmara encerrou a reunião traçando medidas práticas a serem adotadas para que as Páscoas Coletivas sejam meios de atrair almas para Nosso Senhor e não meras solenidades de que se participa sem a necessária preparação.

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (11)



E, assim, a irmã desviou o assunto, pois temia que Daniel desse uma lição prática ao inspetor escolar; e si tal coisa acontecesse, muito lhes prejudicaria a vida de funcionários assalariados e perseguidos.

Ao chegarem à casa, foram recebidos por sua mãe com a costumeira alegria. Daniel revelou a grande novidade, falando-lhes então da recusa, que não fôra aceita pelos seus superiores. E, como troféu, o rapaz exibiu a folha dactilografada pela menina Douglas.

D. Francisca meditou por alguns instantes, tomando um ar pensativo e todo especial, como fazia sempre que alguma coisa grave a preocupava.

Afinal, depois de ter refletido, disse:

— Meu filho: creio que deves aceitar o convite que te fizeram. Não será agradável que te dispensem por uma recusa justa e cuja causa muitos não compreendem e não podem, portanto, avaliar. Indo à festa, meu Dani, não te esqueças de que és um "empregado". Contudo, aproveita nobremente o prazer proporcionado.

— Sim, mãezinha. Também o convite é extensivo a todos os meus parentes e amigos, portanto, iremos todos.

— Eu, Dani, não me sinto com ânimo para perder horas de repouso. Quanto à tua irmã, sim, seria conveniente que ela tivesse alguma distração. Ni trabalha tanto!...

— Perdão, mamãe! Apresento-te, além do motivo que deste há pouco, o fato de eu não querer que fiques tão só.

— Não te preocupes... e, a propósito, tia Zoraide está aqui e espera seus sobrinhos. Vês? Não ficarei sòzinha!

— Tia Zoraide?! Oh! que bom! O baile será nosso, Ni!...

— Ide cumprimentá-la, disse d. Francisca.

Ambos saíram ao encontro da saudosa titia.

Tia Zoraide — como todos a chamavam — era a única irmã solteirona de Fani. Envelhecera isolada, consolando-se com a afeição ardente dos sobrinhos, cuja visita anual muito a compensava.

Ao contrário de suas companheiras de desdita, não trazia ela impresso no rosto, geralmente bondoso, o rótulo da maledicência, achando natural todos os deslizes do coração humano. Esta qualidade muito contribuía para firmar sua reputação entre o elemento feminino.

De índole afetiva, sabia levar o conselho oportuno ao coração que se debatia angustia-

do, sem confidentes, erguendo assim os corações desesperados.

Moças e rapazes, todos a consultavam, na convicção de serem atendidos despretensiosamente.

Sua figura simpática era mui conhecida no bairro das casas humildes e proletárias. Suas mãos de violinista enxugaram muito pranto, acariciaram muita face desolada.

Enérgica e decidida, era de compleição diferente da de sua irmã — a tímida e meiga Fani.

Quando Hermes, o cunhado, falecera, prontamente Zoraide se ofereceu para ajudar a viúva, rudemente golpeada. Esta se recusara, delicadamente, a receber qualquer auxílio.

A solteirona venerava os sobrinhos, principalmente a exquisita Ni, e por nada deste mundo conseguiu que Fani lhe permitisse adotá-los. Suspirando, Zoraide pretendia vingar-se no dia de sua morte, conforme dizia com frequência. A vista de tudo isto, os sobrinhos pagavam-na com um grande e amoroso respeito, fazendo os mais ardentes votos pela duração de vida tão cara e preciosa, não cogitando no futuro legado. Alegavam-se com o esplendor de sua mocidade madura e enérgica, envolvendo-a na própria juventude. E, assim, se apagava docemente a vida de tia Zoraide, qual vela em templo cristão. Santa e boa titia!

Hieronides e seu irmão quase sufocaram a solteirona, na demonstração de um ruidoso e sincero afeto. Nos olhos de tia Zoraide brilhou, como sempre, o diamante de uma lágrima cristalina. No íntimo agradecia ao Criador, que no declínio de sua vida lhe reservara o calor daquele afeto tão puro.

Com reconcentrado prazer, o sobrinho contou-lhe o caso do convite.

Os três passaram a ponderar os prós e os contras, decidindo-se, afinal, a ida de Hieronides à festa.

Uma felicidade nova entrou no lar dos Corneli por duas razões: a chegada de tia Zoraide — o sol de outono, como se caluniava a brejeira senhora — e a ida dos jovens irmãos ao baile, na residência do sr. Douglas Santa Cruz.

Assim, na gargalhada franca e jovial que essa alegria ocasionou, tia Zoraide ocultava a nuvem escura do celibato, que não desejara, mas não pudera impedir. Porém, tal sombra não empanava a ventura conjugal daqueles com os quais convivia.

* * *

Os dias decorriam suavemente, aproximando-se a noite do grande e inédito baile.

No amanhecer da última quarta-feira, Dani descia cantarolando, para ir ao banco, quando ao passar pela frente do quarto de sua irmã ouviu rumores. Preocupado, dirigiu-se para lá e bateu, de leve. Ninguém o atendeu. Tornou a bater mais forte e, não obtendo resposta, entrou, indo encontrar Ni embebida na contemplação do seu modesto e desfalcado guarda-vestidos.

(Continua)

NÃO SOB RÁRA NADA!

Os MAGOS da Culinária



• Puderam! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

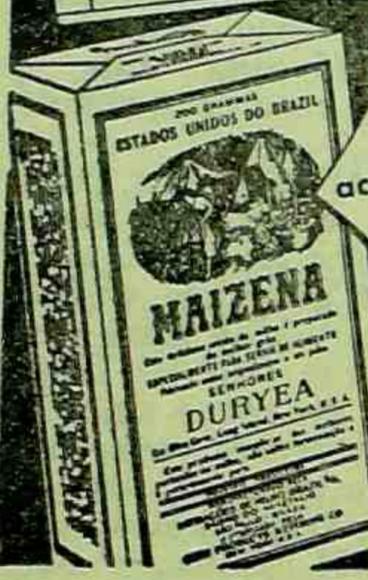
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

À "MAIZENA DURYEA" 49-11 4
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____



LA JOYA MÁS PRECIOSA

Exhortaciones a la juventud para encarecer la excelencia y defensa de la virtud de la pureza por el P. Romualdo Camarasa, C. M. F.
Tip. Voto Nacional — BOGOTÁ — Elegante volume de 522 bellissimas páginas pelo preço de Cr\$ 65,00. Pelo correio mais Cr\$ 3,00.

À venda na Livraria da Editora "AVE MARIA" Ltda.
Caixa Postal, 615 — São Paulo

JOGO WEAREVER

IDEAL PARA ESTUDANTES E ESCOLARES

PREÇO: Cr\$ 55,00 (pelo reembolso mais 5,00 de despesas)



Casas OLYMPICUS e YPÊ
PRAÇA DA SÉ, 48 e 66 SÃO PAULO

EXPEDIENTE DA «AVE MARIA»

Avisamos aos bons Assinantes de NITEROI, que está autorizada a receber as importâncias da assinatura da "Ave Maria" de 1948 e 1949, a Exma. Sra. D. Isabel Gouvea. O Irmão Norberto pede a todos que lhe facilitem a cobrança. — Rua Desembargador Castro Lima N.º 85 (Cubango).

Em BICAS, as Senhoritas: Irene e Alzira Breyer.

Em MAR DE ESPANHA, a srta. Cacilda Chiavegatto.

Em MONTE MÓR, o snr. José Maluf.

Em VIRADOURO, D. Albi-na Motta.

Em SALTO, podem entregar suas importâncias ao Sr. Joaquim Andrieta — Rua Matriz N.º 6 ou, querendo, podem mandar pelo correio.

Em ANGATUBA, D. Amália Leite de Meira.

Aos assinantes de PARANÁ, avisamos que este ano irá visitá-los, o nosso Irmão Pedro Codesal. — Aproveitem os moradores de longe do centro de Curitiba, entregar as importâncias de suas reformas na Igreja do Coração de Maria. Cobrará, também, as assinaturas de 1948 e 1949.

RENDAS

Toalhas e aplicações
Pontas e entremeios

FILES

Toalhas e cortinas. Colchas em fios de seda ou algodão desde Cr\$ 100,00

CRIVOS

Vestidos, Blusas e Toalhas

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

Pedidos e informações com
D. CARVALHO
RUA MAJOR COSTA, 13
FLORIANÓPOLIS
(Sta. Catarina)

Vida completa do Doutor da Igreja Católica

SANTO AGOSTINHO

Volume de 378 páginas pelo preço de Cr\$ 20,00, livre de porte. — Pedidos à Livraria da "AVE MARIA" — Caixa Postal, 615 — São Paulo.